

## EDITORIAL

### A INSUSTENTÁVEL DEFINIÇÃO DE INTERDISCIPLINARIDADE

Wellington Lima Amorim<sup>1</sup>

É engraçado refletir como existe determinados pseudo-intelectuais que possuem estranhos prazeres ao tentar definir o conceito de interdisciplinaridade, uma verdadeira masturbação intelectual, ou seja, um prazer deveras solitário. O mais engraçado disso tudo é a ironia do destino, na qual chegou-se a seguinte conclusão e que irei descrever a seguir. Certa vez Lacan perguntou: Estaríamos à altura de sustentar o ser-para-o-sexo engendrado pela subversão freudiana? Acredito que sim, o homem é movido pelo desejo de se falar sobre a verdade do sexo. Por outro lado, Heidegger afirmou que o homem é um ser-para-morte. Existe aqui uma profunda conexão entre esses dois discursos: a) Ser-para-sexo b) Ser-para-morte. Na verdade, acredito que se conseguirmos, o que não opinião de muitos é impossível, falar da verdade sobre o sexo, isso nos conduziria ao um destino mortífero. Essa foi à experiência nazi-fascista, stanlinista, marxista e todos os istas que representam os sistemas totalitários que infelizmente o século XX conheceu. Da mesma forma, a interdisciplinaridade não pode ser definida. No dia que isso ocorrer ela se torna disciplina, com uma única função, controlar, ou seja, uma verdade absoluta, dogmática, que nos conduzirá a único destino: a morte. Do jeitinho que todos os movimentos marxistas e utópicos desejam inconscientemente, querem o Fim da História e do Homem. Não se pode falar sobre a interdisciplinaridade, bem como não se pode falar sobre o sexo. O melhor a fazer é buscar a prática interdisciplinar, como no sexo, só se entende fazendo, vivenciando. No lugar do sexo ou da interdisciplinaridade, há somente o silêncio. Sem querer correr o risco de definir o conceito de interdisciplinaridade, ela talvez consista no diálogo entre diversas disciplinas, ou melhor, uma orgia intelectual, onde transamos com várias disciplinas diferentes. Mas quem decide com quem vou transar? Sou eu que decido, na minha total liberdade. Afinal, como diria Sartre: Sou condenado a ser livre. É aqui que se afirma a total contingência. Talvez eu me relacione com a Educação Física, refletindo sobre os corpos atléticos e sarados no mundo contemporâneo. Talvez com a Filosofia, com a sua lábia, malandragem e retórica imbatível nos últimos 2500 anos. Mas não há um método, não há uma dialética, existe apenas o diálogo. Acreditem, ainda existem doutores que confundem estes conceitos. Para ajudá-los, vou definir: a) Diálogo: fala entre duas pessoas; conversação entre muitas pessoas; b) Dialética: arte de raciocinar, lógica; dialektiké (techné) discussão. Observem a diferença. No diálogo não há um método definido. O diálogo pode ocorrer em várias direções e sentidos, criando agenciamentos diversos. A dialética é uma técnica (techné), ou melhor, um

---

<sup>1</sup> Drº em Ciências Humanas – Universidade Federal do Maranhão.

método preciso e teleológico, busca um fim, uma resposta. É através da Dialética, em um constante processo de racionalização que nos leva a viver em um mundo dominado pela técnica moderna, o filho perverso da techné. Precisa-se cada vez mais de diálogos, de relações amorosas sedutoras, eróticas e carismáticas, e não de dialética, que é estéril, castrada por si mesma. A prática interdisciplinar consiste nesta promiscuidade entre as diversas disciplinas disponíveis. Portanto, vamos parar de falar sobre interdisciplinaridade, como uma velha histórica, uma doença bem característica dos movimentos pseudo-intelectuais e começarmos a praticar uma orgia intelectual, ou seja, uma interdisciplinaridade.